

AS ESTRATÉGIAS DE CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO EM ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA DA REGIÃO INTERMEDIÁRIA SOUSA-CAJAZEIRAS: AS TECNOLOGIAS COMO ALTERNATIVAS E A RESISTÊNCIA COMO IDENTIDADE

Autora: Gedália de Sousa Ramos; Coautora: Eliziana Vieira Saraiva; Orientador: Prof. Dr. Josias de Castro Galvão

Universidade Federal de Campina Grande/ Centro de Formação de Professores
ramos.gedalia@gmail.com
elizianavieirasaraiva@hotmail.com
josiascastro@uol.com.br

Resumo: O presente artigo é resultante de um estudo acerca dos territórios de reforma agrária no Nordeste do Brasil, desenvolvido a partir de discussões em sala de aula e levantamento de dados, com a culminância na observação em campo das relações sociais e organização do espaço em dois assentamentos de reforma agrária da região intermediária Sousa-Cajazeiras, no estado da Paraíba. Os objetivos que fundamentam o trabalho partem da premissa de comprovação de relatos dos quais podem-se enfatizar: conhecer a história da luta pela terra narrada pelos moradores e através da materialidade do espaço ocupado; analisar as condições de vida que lhes são imputadas pelas autoridades governamentais locais de acordo com a presença ou ausência de serviços básicos; identificar técnicas e, tecnologias empregadas pelos assentados para o manejo do solo e os tipos de culturas desenvolvidas; avaliar os sistemas de captação, distribuição e usos da água; e estimar as atuais expectativas dos assentados acerca de urgentes políticas de reforma agrária no Brasil. Para a realização do trabalho, desde as aulas iniciais, fizemos o uso de abordagem indutiva, análise dialética e levantamento bibliográfico, o que possibilitou, doravante, a aproximação com os sujeitos em campo. Buscou-se assim, escutar as inquietações, a constatação das nuances que perfazem a vida dos assentados, as inúmeras lutas travadas desde o momento em que nasce um filho de um trabalhador sem-terra e, desde então, a guerra que precisam travar para sobreviver, conquistar uma propriedade e produzir em um pedaço de chão seco e árido. Para obtenção dos relatos de um maior número de assentados, no último assentamento visitado, foram divididos grupos dentre os estudantes e envolvidos presentes para a visita a domicílio das famílias locais. As visitas às famílias tiveram o intuito de coletar informações sobre os desdobramentos de suas trajetórias na luta camponesa e a forma como organizam suas atividades econômicas. Utilizamos como fonte bibliográfica autores que discursam sobre o agrário, o rural e o agrícola. O estudo proporcionou-nos examinar as estratégias de convivência com o semiárido, desenvolvidas pelas famílias assentadas, e aponta o sucesso das tecnologias usadas tanto na produção agrícola e de derivados, com ênfase para a produção orgânica, quanto no manejo e cuidado com o solo e a administração e distribuição do recurso que lhes é mais caro, a água. Diante da experiência, constatamos que o arranjo de cada um dos assentamentos, a tecnologia implantada para a convivência com o clima, a maneira como os assentados produzem, suas relações com a natureza e o compromisso de cuidar da terra mostram o quão valioso é o lugar, palco de lutas e conquistas. Suas histórias de vida remetem ao significado inteiro da palavra resistência e lhes conferem o título de heroicidade frente à conservação do meio ambiente.

Palavras-chave: Estratégias de convivência, Resistência, Semiárido, Reforma Agrária.

1 INTRODUÇÃO

A agricultura, uma das atividades e formas mais antigas de produção e organização do espaço pela humanidade e, ainda, entendida como instrumento de apropriação e transformação de um espaço que, em sua origem, era denominado natural, mas com o trabalho do homem tornara-se um espaço social, continua, em nossos dias, representando uma problemática de grande urgência. Embora não mensurada pelos ditames da igualdade, a organização espacial de terras cultiváveis, é um tema presente em muitos estudos acadêmicos e em muitos setores da economia internacional. Este trabalho, trata, portanto, do debate do tema, apoiado por leituras e aulas ministradas pelo professor Dr. Josias de Castro Galvão, e com a culminância de um estudo em campo, no intuito de verificarmos, na realidade de nossa região, a situação vivida por algumas famílias em Assentamentos de Reforma Agrária.

O Brasil, assim como muitos outros países latino-americanos, é um exemplo vivo da sangrenta história, desde o período colonial e, como consequência deste, escrita sobre vastas extensões de terras dadas a único dono, enquanto, a grande maioria da população, padece pela falta de alguns hectares de terra. A má distribuição de terras em nosso país não é um problema concentrado apenas em uma região, como alguns podem pensar, mas é um drama presente em grande parte de nosso território e, claro, é uma tragédia que permeia os grupos maiores e menos privilegiados de nossa sociedade.

Os objetivos que fundamentam o trabalho partem da premissa de comprovação de relatos, dos quais, podem-se enfatizar: conhecer a história da luta pela terra narrada pelos moradores e através da materialidade do espaço ocupado; analisar as condições de vida que lhe são imputadas pelas autoridades governamentais locais, na presença ou ausência de serviços básicos; identificar técnicas e tecnologias empregadas pelos assentados para o manejo do solo e os tipos de culturas aí desenvolvidas; avaliar os sistemas de captação, distribuição e usos da água; e estimar as atuais expectativas dos assentados acerca de urgentes políticas de reforma agrária no Brasil.

Para a realização do trabalho, desde as aulas iniciais, fizemos o uso de abordagem indutiva e levantamento bibliográfico, o que possibilitou, doravante a aproximação com os sujeitos, em campo, e atenta escuta às suas inquietações, a constatação das nuances que perfazem a vida dos assentados, as inúmeras lutas travadas desde o momento em que nasce um filho de um trabalhador sem-terra e, desde então, a guerra que precisam travar para sobreviver, conquistar uma propriedade e produzir num pedaço de chão seco e árido. Para obtenção dos relatos de um maior número de assentados, no último assentamento visitado, foram divididos

grupos, dentre os estudantes e envolvidos presentes, para a visita a domicílio das famílias locais, no intuito de coletar informações sobre os desdobramentos de suas trajetórias na luta camponesa e a forma como organizam suas atividades econômicas.

2 ESTRATÉGIAS DE CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO EM ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA:

2.1 Tecnologias e Resistência

Pensar o semiárido brasileiro só é possível após a observação e compreensão das diferenças que fazem essa grande porção do território de nosso país. É importante ressaltar que o problema da água, apreendido como uma verdade determinante para explicar os conflitos do semiárido, só é de fato uma verdade, quando tratamos de sua distribuição e não de sua ausência. Outro ponto de destaque e necessária apreensão, é a questão da posse de terra no país. Os Assentamentos de Reforma Agrária são luzeiros em meio aos conflitos, que abraçam o povo sem terra, e, cada vez mais, também se tornam modelo digno de reprodução pelas práticas agroecológicas e sustentáveis empregadas. Nesta perspectiva, buscamos analisar in loco quais as demandas e realidades dos assentamentos da região intermediária Sousa-Cajazeiras.

O movimento de luta por terras, no município de Cachoeira dos Índios, como também em Cajazeiras, contou, desde muito cedo, com a ajuda e apoio da Igreja Católica, através de alguns padres italianos, enraizados na Teologia da Libertação, fazendo uma leitura mais humanizada do evangelho e buscando, assim, despertar os seguidores, principalmente os mais pobres, a lutarem pelos direitos que lhes são negligenciados.

É visível o nível de descaso sofrido por algumas famílias que ainda estão na luta pela conquista de um pedaço de chão (figura 1), sendo privadas até mesmo de energia elétrica, vivem em condições precárias e sujeitos a toda sorte de males.



Figura 1: Acampamento Boa Conquista. Foto: Eliziana Saraiva, 2017

A proximidade com a cidade de Cajazeiras, também interfere na relação das famílias com a terra, pois, alguns, buscam trabalhar durante um período de tempo na cidade e retornam para o acampamento pela noite.

As famílias presentes mantêm a prática da agricultura de sequeiro, como também a criação, em pequeno número, de vacas, caprinos e galinhas, sustentados por uma pequena produção de milho e palma (figura 2). O abastecimento de água é favorecido pelo Assentamento Frei Damião, próximo ao acampamento.



Figura 2: Acampamento Boa Conquista. Foto: Acervo pessoal, 2017.

Bergamasco e Norder (1996, p. 7) acreditam que:

“de maneira genérica, os assentamentos rurais podem ser definidos como a criação de novas unidades de produção agrícola, por meio de políticas governamentais visando o reordenamento do uso da terra, em benefício de trabalhadores rurais sem terra ou com pouca terra.”

As orientações e auxílio de uma equipe técnica, disponibilizada pelo governo, assim como a participação de universidades na realização de projetos, junto aos assentamentos, têm proporcionado grandes avanços no que diz respeito à atividade agrícola. A grande diferença da organização e das relações entre um acampamento e um assentamento de reforma agrária é impactante e diz respeito à qualidade de vida dos moradores e suas práticas com o solo.

O assentamento Santo Antônio é uma prova do sucesso de políticas que não só viabilizam a terra, mas também que prepare o agricultor para lidar de maneira compromissada

(83) 3322.3222

contato@conadis.com.br

www.conadis.com.br

com a natureza. Neste assentamento, pudemos observar uma exuberante horta orgânica, e aí tivemos acesso algumas das tecnologias sociais implantadas no assentamento, como o Biodigestor (figura 3) e o sistema de reuso de água (4 e 5).



Figura 3: Biodigestor. Foto: Acervo pessoal, 2017.



Figura 4: Filtro de água. Foto: Eliziana Saraiva, 2017. Figura 5: Reuso de água. Foto: Acervo pessoal, 2017.

A história de conquista do assentamento permite que façamos algumas reflexões sobre a atual organização da comunidade assentada. A apropriação e posse do então Assentamento Santo Antônio, com doze anos de luta, diferentemente de outros processos, aconteceu de forma pacífica, uma vez que sua ocupação se deu pelos já moradores da antiga Fazenda Santo Antônio, logo após sua desapropriação, o que facilitou os trâmites do procedimento. Suas terras

(83) 3322.3222

contato@conadis.com.br

www.conadis.com.br

pertenciam a grandes fazendeiros de Cajazeiras, donos da Firma Galdino Pires (FAPISA), estes, mantinham um bom relacionamento com os moradores. Com sua morte, e após acumular dívidas, a família hipotecou as terras, que ao tentarem vender, tinham suas expectativas frustradas, pois os interessados, ao visitarem as terras e se depararem com a quantidade de moradores, logo, desistiam da empreitada. Com isso, alguns moradores se organizaram e procuraram a CPT para intermediarem a compra das terras pelo INCRA. Inicialmente foram assentadas trinta e duas famílias, em seiscentos e sessenta e seis hectares, variando em sua divisão para cada família assentada, dadas as diferenças na qualidade dos terrenos.

Outro aspecto que influencia na qualidade de vida dos assentados é a presença de um manancial de água em seu perímetro, este, conquistado por acirrada luta. O Açude Santo Antônio, popularmente conhecido como “Soim”, abastece a todas as famílias do assentamento (figura 6), além de permitir o uso do solo em seus arredores, para o plantio de tomates e jerimum.



Figura 6: Açude Santo Antônio. Foto: Acervo pessoal, 2017.

As estratégias de convivência com o semiárido são imprescindíveis e permitem aos assentados entrarem na economia local como importantes agentes.

Atualmente, as famílias assentadas, oferecem os produtos aí cultivados em feiras agroecológicas, além da criação de gado e de caprinos, mantidas por alguns moradores e outros ainda, que trabalham com produção de bolos, doces e salgados vendidos sob encomendas. A atividade produtiva no assentamento é bem diversificada e serve de modelo para outros assentamentos em desenvolvimento.

Pudemos verificar, além de uma mandala desativada, agora usada como tanque para criação de peixes, uma cisterna calçadão (figura 7). Outras tecnologias, como barragem base zero e barragem subterrâneas, também estão presentes no assentamento e enriquecem a produção agrícola.



Figura 7: Cisterna calçadão. Foto: Acervo pessoal, 2017.

A região é marcada com grandes contrastes, inclusive em relação aos assentamentos de reforma agrária existentes. Nas proximidades de Sousa, existem duas realidades completamente distintas, de um lado, o Assentamento Emiliano Zapata e de outro, uma grande extensão de terras destinadas à produção de milho para o agronegócio, a Fazenda Tamanduá. É de fundamental importância considerar as relações de poder que se configuram em torno desses espaços, para que se possa entender as demandas e necessidades dos assentados.

No município de Aparecida, o Assentamento Acauã, não somente na história de conquista, mas também em sua dinâmica é muito diferente do já citado Santo Antônio, mas as tecnologias também são marcas das relações com o solo e a água pelos moradores (figura 8).

De acordo com as fontes consultadas, a luta inicia-se no período em que o Estado da Paraíba era governado por Wilson Braga, quando algumas famílias lutavam pelo acesso à água, uma vez que mais de 80 mananciais eram de uso de grandes proprietários de terras, como a família Gadelha da cidade de Sousa. Socorro, juntamente com a antiga Pastoral da Terra, atualmente denominada CPT, e com apoio de entidades como a UFCG, reuniu-se com várias

famílias do sertão paraibano e marcharam em para a batalha de ocupação da fazenda Acauã no ano de 1995, pertencente à família Gadelha. A luta foi aferrada e marcada por seis despejos, o que provocou medo nos camponeses, no entanto, não os abateu. Além dos despejos, algumas prisões se deram durante a ocupação, dentre elas, a prisão de estrangeiras alemãs, convergiram em um empurrão para o processo de desapropriação, conseqüentemente, e em 14 de outubro de 1996 foi concedida a posse da terra.



Figura 8: (AAAA). Foto: Acervo pessoal, 2017.

Atualmente, estão presentes no assentamento, cerca de 114 famílias assentadas, distribuídas por mais de 2 mil hectares de terras. A agricultura familiar continua sendo praticada e a esta atividade estão associadas outras, como a apicultura e, ainda, alguns dos assentados, mantêm ligação com a cidade, trabalhando durante o dia e retornando para suas casas no assentamento apenas à noite. É possível observar que a população é maior no número de idosos, embora uma grande parte dos filhos dos assentados permaneçam.

De acordo com os estudos mais recentes, embora as políticas públicas que dizem respeito à reforma agrária no Brasil, os resultados apresentados pelos assentamentos, no Brasil, são positivos e apontam para estratégias de integração social, além dos benefícios na geração de empregos e melhores condições de vida para as famílias assentadas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concentração de terras no Brasil é uma das heranças deixadas pelo tipo de colonialismo implantado em nosso território, no entanto, mais do que em qualquer outro período, essa herança se apresenta como um rio de sangue, recortando o país e fazendo emergir vidas e sonhos sufocados pela desigualdade econômica. A expansão dos latifúndios em benefício do agronegócio e a distância de uma reforma agrária, ainda que representem um terrível obstáculo para os movimentos sociais que lutam pela terra, não é o suficiente para desmontar a força do povo em marcha.

Os resultados positivos apresentados pelos assentamentos no Brasil têm confirmado as expectativas de muitos cientistas sociais, cujos trabalhos incidem em propostas de reforma em nossas leis de distribuição de terras, bem como do auxílio técnico, necessário para que as novas tecnologias, principalmente as que não agridem o solo, cheguem aos agricultores familiares. O estudo mostrou as diferenças entre os assentamentos que dispõem das tecnologias de convivência com o semiárido e evidencia o crescimento em produção e qualidade de vida para as comunidades assentadas.

Não obstante, a compreensão da organização do espaço nos assentamentos nos permite a caracterização efetiva da luta dos sem terra no Brasil, com o agravante do desgoverno e má distribuição da água no semiárido nordestino. A geograficidade que nos toca é muito distinta do significado de lugar daqueles que lutaram por conquistar um pedaço de chão para sobreviver nos rincões do sertão, no entanto, por mínima que seja a sensibilidade, ninguém sai de um assentamento sem transformar a sua primeira ideia de “sem terra”. É uma desconstrução furtiva de preconceitos, principalmente no que se refere ao ato de aquisição da propriedade.

Dentro de uma realidade palpável não cabe opiniões particulares, pois o espaço e seus agentes explicam-nos o que de fato é causa e solução do conflito. O estudo proporcionou-nos grandes avanços quanto à percepção do problema da distribuição de terras e, conseqüentemente, nos impele, enquanto pesquisadores, à construção de um pensamento crítico que corrobore com a diminuição das desigualdades em nosso país, elucidando a urgente necessidade de uma reforma agrária e de políticas públicas que retirem nossa sociedade da pobreza. Além do já exposto, a questão do trato com o solo, para a produção de alimentos sem uso de agrotóxicos é um outro tema de imensurável valor para sociedade em geral, e, com imensa satisfação pudemos verificar durante a realização do nosso estudo.

A função do estado, hoje muito mais do que ontem, é de extrema necessidade, e diz respeito à renovação da organização e produção desses espaços, convergindo para a melhoria de vida de uma parcela de brasileiros, de forma direta, e contribuindo para o desenvolvimento do país como um todo, indiretamente. A geografia deve assumir seu papel, enquanto ciência social, junto aos paradigmas que marcam o tempo histórico, no intuito de contribuir com a reconfiguração dos espaços de conflito social.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Cícera Gomes de. **Memória e ordenamento territorial do espaço agrário: estudo da presença da Comissão Pastoral da Terra na organização das lutas camponesas no município de Cajazeiras - PB.** Disponível em:

<<http://www.cfp.ufcg.edu.br/geo/monografias/CICERA%20GOMES%20DE%20ANDRADE.pdf>> Acesso em: 06 out. de 2017.

BERGAMASCO, Sonia Maria Pessoa Pereira; NORDER, Luis Antônio Cabello. **O que são assentamentos rurais?** São Paulo: Brasiliense, 1996.

CONTI, Irio Luiz; SCHROEDER, Edni Oscar (Orgs.). **Estratégias de convivência com o semiárido brasileiro: textos e artigos de alunos (as) participantes.** Disponível em:

<http://plataforma.redesan.ufrgs.br/biblioteca/pdf_bib.php?%20COD_ARQUIVO=17908> Acesso em: 04 out. 2018.

CUNHA, Luis Henrique; NUNES, Aldo Manoel Branquinho. **Os desafios para a gestão de recursos comuns em assentamentos do semi-árido.** 2008. Disponível em:

<http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2036/luis%20henrique%20cunha.pdf> Acesso em: 10 out. 2018.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária.** São Paulo: Labur Edições, 2007, 184p. Disponível em:

<http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio_Valeria/Pdf/Livro_ari.pdf> Acesso em: 01 out. 2017.

SANTANA, Elisangela Silva; PEREIRA, Suzane Fernandes; TEIXEIRA, Jeane Pinto. **As relações capitalistas e não capitalistas de produção e a permanência da agricultura familiar no século XXI.** Disponível em:

<www.uesb.br/eventos/sbga/anais/arquivo/arquivo%209.pdf> Acesso em: 05 out. 2017.

Secretaria Nacional do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. **MST Lutas e Conquista.** 2ª Edição. Jan. de 2010. Disponível em:

<<http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/MST%20Lutas%20e%20Conquistas%20-%20MST,%202010.pdf>> Acesso em: 03 nov. 2017.

SILVA, Roberto Marinho Alves da. **Entre dois paradigmas: combate à seca e convivência com o semi-árido.** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v18n1-2/v18n1a16.pdf>>

Acesso em: 09 out. 2018.